

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE ARTES VISUAIS-LICENCIATURA**

**CILNEIDA CARDOSO FIORAVANTE**

**A ARTE NO ENSINO MÉDIO:  
APROPRIAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO SENSÍVEL**

**CRICIUMA, NOVEMBRO DE 2011**

**CILNEIDA CARDOSO FIORAVANTE**

**A ARTE NO ENSINO MÉDIO:  
APROPRIAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO SENSÍVEL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no curso de Artes Visuais - licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> MSc. Édina Regina Baumer

**CRICIUMA, NOVEMBRO DE 2011**

**CILNEIDA CARDOSO FIORAVANTE**

**A ARTE NO ENSINO MÉDIO:  
APROPRIAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO SENSÍVEL**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciada, no Curso de Artes Visuais - Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação em Arte.

Criciúma, novembro de 2011

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>a</sup>. Édina Regina Baumer – Mestre - (UNESC)

Prof<sup>a</sup>. Silemar Maria Medeiros da Silva – Mestre em educação - (UNESC)

Prof. Odair Pazzeto Nandi - Especialista - (Faculdades Integradas de Jacarepaguá)

Aos jovens fantásticos que muito me ajudaram para a conclusão deste trabalho. Curiosos, investigativos, livres de pensamentos convencionais, imaginativos, cheios de energia, coragem, encanto e autenticidade.

O meu muito obrigado a todos!

## AGRADECIMENTOS

A Minha mãe que mesmo sem muito conhecimento relacionado ao estudo, mas muito em sabedoria de vida, a sua força e perseverança na luta por dar uma vida digna aos seus filhos, mulher guerreira que me serviu de exemplo nas horas em que muitas vezes pensei em desistir, devo tudo a ela, a minha vitória é dela também.

Ao meu marido Adelar, por seu amor paciente, sua compreensão e seu carinho, suportei tudo porque tu estavas ao meu lado.

Aos meus filhos, Diônata, Felipe, Lucas e Adriane e as minhas noras Bruna e Kenya, pela paciência e pela torcida.

A Ana Carolina, minha netinha que com o seu carinho e seu sorriso angelical me confortam e iluminam os meus dias.

Ao professor Odair Pazzeto Nandi, o seu conhecimento e sua paciência contribuíram muito para a realização deste trabalho.

Ao meu pai que mesmo não estando muito presente em minha vida, é uma pessoa que me transmite muito amor e carinho, acredita muito na minha capacidade, sei que sempre torcerá por mim.

A minha orientadora (amiga) Édina Regina Baumer, pelo seu carinho e serenidade e constante encorajamento, pela disponibilidade dispensada em todas as situações e pelas suas sugestões que foram essenciais para a concretização deste projeto e a todos os “amados mestres” que estiveram comigo durante estes quatro anos de busca pelo conhecimento, um agradecimento especial a MESTRA Jussara Guimarães por ter feito parte dessa história. Obrigado a todos!

A vida coloca em nosso caminho pessoas que vem e que vão, algumas permanecem, se tornando parte de nossa vida, e a esses companheiros amigos que fizeram parte desses quatro anos, agradeço pelo acolhimento e pelo carinho, vocês com certeza permanecerão em minha vida para sempre.

A DEUS, que mesmo com toda esta torcida, sem ELE eu não conseguiria.

A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe.

(Jean Piaget)

## RESUMO

A presente pesquisa surgiu da minha experiência como professora, ainda em formação, na escola pública. Durante esse período observei a falta de interesse e motivação por parte dos alunos em relação às aulas de arte; foi através dessas observações, cada vez mais freqüentes em meu dia-a-dia de trabalho, que comecei a indagar: qual a relação do jovem do ensino médio com as aulas de Arte e como ocorre a apropriação e construção desse conhecimento sensível? Foi a partir deste questionamento que desenvolvi o trabalho proposto, a fim de analisar o conhecimento obtido na escola, sobre as linguagens artísticas presentes no meio em que o jovem do ensino médio está inserido, de maneira a tornar esse conhecimento significativo para sua formação integral. A pesquisa se desenvolveu dentro de uma abordagem qualitativa e quanto a sua natureza é básica, sendo desenvolvida através de um questionário distribuído para vinte e três adolescentes regularmente matriculados no terceiro ano do ensino médio de uma escola da rede estadual de Criciúma (SC), no período de agosto a outubro de 2011. Os dados coletados foram analisados e interpretados com a finalidade de contribuir com a escrita da pesquisa para que esta possa servir de suporte para educadores em arte a fim de que a disciplina de Arte seja mais valorizada dentro do espaço escolar. Para embasar a minha pesquisa, busquei autores como Hernandez (2003) que traz uma reflexão sobre a formação do professor em Arte e contei com o conhecimento sobre estética e cultura da pesquisadora Richter (2003); para falar sobre mediação, educação em Arte e o jovem na contemporaneidade, cito a pesquisada Miriam Celeste Martins (1998 / 2009), que está sempre em busca de uma educação de qualidade. A investigação de campo possibilitou constatar uma deficiência no procedimento de como o ensino de arte é desenvolvido dentro do espaço escolar e com os resultados apresentados, vê-se necessária a importância de uma formação específica e contínua que propicie aos educadores em Arte, possibilidades que os auxiliem para uma melhor compreensão dessa disciplina dentro do espaço escolar. Os dados obtidos através desta pesquisa só reforçam a importância da mediação entre educador/educando para a formação do sujeito sensível com o olhar estético e crítico. Cabe a nós, educadores, refletirmos sobre a possibilidade de práticas pedagógicas que possam auxiliar educador/educando para que haja uma melhor assimilação e conseqüentemente, a ressignificação dos conteúdos desenvolvidos nas aulas de arte, entre os jovens do ensino médio.

**Palavras-chave:** Ensino Médio. Ensino da Arte. Formação de Professores.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

PMC – Prefeitura Municipal de Criciúma

MEC – Ministério da Educação e Cultura

PRODIART – Programa de Desenvolvimento Integrado de Arte na Educação

OCEM – Orientações Curriculares do Ensino Médio

UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UFSM – Universidade Federal de Santa Maria

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PCNEM – Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>2 PANORAMA DO ENSINO DE ARTE NO BRASIL.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1 PEDAGOGIA TRADICIONAL.....</b>	<b>11</b>
<b>2.2 TECNICISMO.....</b>	<b>13</b>
<b>2.3 ESCOLA NOVA .....</b>	<b>14</b>
<b>2.4 PEDAGOGIA CRÍTICA.....</b>	<b>15</b>
<b>3 O JOVEM NA CONTEMPORANEIDADE.....</b>	<b>17</b>
<b>3.1 O ATO CRIATIVO .....</b>	<b>18</b>
<b>3.2 METODOLOGIAS DE ENSINO - TECNOLOGIA X ARTE .....</b>	<b>19</b>
<b>4 APRENDER ARTE HOJE.....</b>	<b>22</b>
<b>5 ELES PENSARAM, ESCREVERAM, ENTÃO FICOU REGISTRADO QUE .....</b>	<b>27</b>
<b>6 PROJETO DE CURSO.....</b>	<b>34</b>
<b>7 LI, REFLETI, E ENTÃO PENSEI QUE .....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>40</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>43</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa surgiu da minha experiência como professora, ainda em formação, lecionando para adolescentes regularmente matriculados no ensino médio de uma escola pública. Durante esse período observei a falta de interesse e motivação por parte dos alunos em relação às aulas de arte; foi através dessas observações, cada vez mais freqüentes em meu dia-a-dia de trabalho, que comecei a indagar: qual a relação do jovem do ensino médio com as aulas de arte e como ocorre a apropriação e construção desse conhecimento sensível? Procuo com este estudo perceber o quanto a arte e suas linguagens se encontram presentes no meio em que esse jovem está inserido e como é importante que elas estejam presentes também na escola. As Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006) nos dizem que a presença da arte no currículo do ensino médio é uma forma particular de conhecimento que visa capacitar o aluno a interpretar e a representar o mundo a sua volta, fortalecendo processos de identidade e cidadania.

É a partir desse conceito teórico que desenvolvi o trabalho proposto, com a intenção de investigar o que o jovem do ensino médio traz como bagagem cultural após sua trajetória na educação básica. Busco pesquisar qual a relação do jovem com as aulas de arte relacionando a contribuição dessa disciplina para sua formação integral. O ensino da arte tem como papel principal a formação de sujeitos sensíveis e críticos esteticamente para que possam integrar-se com as questões culturais de forma que elas contribuam para o seu desenvolvimento intelectual.

A pesquisa se desenvolve dentro de uma abordagem qualitativa, pois de acordo com Minayo (1994, p. 22), “a pesquisa qualitativa tem como objetivo procurar responder a questões particulares, preocupando-se com um nível de realidade que não pode ser avaliado através de números, este tipo de pesquisa trabalha com significados, aspirações, crenças, valores e atitudes, procurando assim aprofundar-se nas ações e nas relações humanas”. Como pesquisadora, busquei estabelecer relações a partir do ponto de vista dos participantes e assim identificar as particularidades do grupo envolvido, dentro do seu contexto escolar.

Quanto à natureza da pesquisa é básica, pois objetiva gerar conhecimentos novos que poderão ser úteis para uma melhor valorização da arte dentro do espaço escolar. Do ponto de vista dos objetivos apresento uma pesquisa

descritiva que “visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou estabelecimento de relações de variáveis” (SILVA, 2001, p.121).

A pesquisa de campo foi desenvolvida com vinte e três jovens regularmente matriculados no 3º ano do ensino médio de uma escola estadual da cidade de Criciúma-SC, no período de agosto a outubro de 2011, por meio de questionários.

No capítulo dois escrevo resumidamente o panorama do ensino da arte no Brasil, revendo as principais escolas e suas tendências pedagógicas para assim podermos fazer uma análise crítica da educação em arte na contemporaneidade. E em seguida busco fazer uma relação entre o jovem na contemporaneidade e o papel das aulas de arte.

No quarto capítulo tenho como objetivo investigar de que maneira o professor pode mediar esse conhecimento e com essas questões expostas no referencial teórico, relato no capítulo cinco, a pesquisa de campo, refletindo sobre as vozes dos estudantes do ensino médio, principalmente no que se refere à importância das aulas de Arte e da Arte para o seu processo de aprendizado cultural. É a análise dos dados referentes aos questionários com as respostas mais relevantes ao problema da pesquisa. Concluindo, apresento o projeto de curso, integrante deste estudo e as considerações finais.

## **2 PANORAMA DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL**

Arte-educação, Educação Artística, Educação através da Arte, Ensino da Arte, Arte, Artes Plásticas, Artes Visuais, são diferentes terminologias que representam a trajetória da história da arte na educação e mostram a perspectiva e o desenvolvimento do ensino nessa área do conhecimento. Essas terminologias estão presentes em várias fontes bibliográficas e documentos fundamentados em experiências de instituições, pesquisadores e educadores, com o objetivo de esclarecer algumas práticas que possam contribuir para uma educação de qualidade.

Reverendo as principais tendências pedagógicas podemos fazer uma análise crítica sobre a educação em arte e sua trajetória na história da educação. Iniciamos pela pedagogia tradicional.

### **2.1 Pedagogia Tradicional**

Nessa tendência, na década de 60, principalmente os americanos colocaram o ensino de arte como uma contribuição específica para a educação do ser humano, questionando assim o desenvolvimento espontâneo da expressão artística natural da criança. Como alternativa usaram a Arte como uma atividade extracurricular com o objetivo de ajudar a fixar os conteúdos de outras disciplinas que eram julgadas mais importantes para a época. As Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006, p. 170), afirmam que “o ensino era centrado no professor e nos conhecimentos normativos, voltados para a aquisição de informação, sem qualquer contextualização ou apreciação crítica”. A partir disso, podemos pensar que as linguagens artísticas eram desenvolvidas como propostas de trabalho, de um modo mecânico, sem oportunizar a expressividade; da mesma forma, o documento nos diz que o desenho era orientado através de cópias e as atividades cênicas eram trabalhadas focando no caráter cívico e moral.

Em outro documento norteador para o ensino de arte - Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 22) - podemos ver como era trabalhada,

particularmente cada linguagem artística, na tendência tradicional. A disciplina Desenho era apresentada sob a forma de:

Desenho Geométrico, Desenho do Natural e Desenho Pedagógico, era considerado mais por seu aspecto funcional do que uma experiência em arte; ou seja, todas as orientações e conhecimentos visavam uma aplicação imediata e a qualificação para o trabalho.

As atividades de teatro e dança, somente eram reconhecidas quando faziam parte das:

Festividades escolares na celebração de datas como Natal, Páscoa ou Independência, ou nas festas de final de período escolar. O teatro era tratado com uma única finalidade: a da apresentação. As crianças decoravam os textos e os movimentos cênicos eram marcados com rigor. (BRASIL, 1997, p. 22)

Em Música, essa tendência teve seu representante máximo no Canto Orfeônico que foi um:

Projeto preparado pelo compositor Heitor Villa-Lobos, na década de 30. Esse projeto constitui referência importante por ter pretendido levar a linguagem musical de maneira consistente e sistemática a todo o País. O Canto Orfeônico difundia idéias de coletividade e civismo, princípios condizentes com o momento político de então. (BRASIL, 1997, p. 22)

Entre outras questões, o projeto Villa-Lobos esbarrou em dificuldades práticas na orientação de professores e acabou transformando a aula de música numa teoria musical baseada nos aspectos matemáticos e visuais do código musical com a memorização de peças orfeônicas, que, refletindo a época, eram de caráter folclórico, cívico e de exaltação.

Nessa tendência a arte era usada como suporte para outras disciplinas que eram consideradas mais importantes para o contexto histórico da época, e mesmo dentro daquele contexto existiam pessoas com mentalidades mais abertas que lutavam por um ensino de arte que oportunizasse a expressividade e a criatividade da criança.

## 2.2 Tecnicismo

A pedagogia tecnicista surgiu na segunda metade do século XX, nos EUA, e no Brasil em 1960, com predomínio em 1978. As leis 5.540/68 (ensino universitário) e 5.692/71(ensino de 1º e 2º graus) são marcos da implantação do modelo tecnicista.

Em 1971, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a arte é incluída no currículo escolar com o título de Educação Artística, mas é considerada “atividade educativa” e não disciplina, tratando de maneira indefinida o conhecimento. A introdução da Educação Artística no currículo escolar foi um avanço, principalmente pelo aspecto de sustentação legal para essa prática e por considerar que houve um entendimento em relação à arte na formação dos indivíduos. (BRASIL, 1997, p. 26)

A escola tecnicista atuou no aperfeiçoamento da ordem social vigente da época (o sistema capitalista), logo, articulou-se diretamente com o sistema produtivo; para tanto, empregou a ciência da mudança de comportamento, ou seja, a tecnologia comportamental. Seu interesse principal era, portanto, formar mão de obra para o mercado de trabalho, não se preocupando com as mudanças sociais. O objetivo do ensino de 1º e 2º graus volta-se para a qualificação profissional e o preparo para exercer a cidadania. A escola tecnicista se baseia na teoria da aprendizagem e vê o aluno como receptor passivo dos conhecimentos. Segundo Richter (2002), a visão behaviorista acredita que adquirimos uma língua por meio de imitação e formação de hábitos, por isso a ênfase na repetição, na instrução programada, para que o aluno forme hábitos do uso adequado da linguagem.

A lei 5.692/ 71 introduziu a educação artística no currículo escolar e para Martins (1998), os professores de desenho, música, trabalhos manuais, cantos, coral e artes aplicadas, que vinham atuando segundo os conhecimentos específicos de suas linguagens, viram esses saberes repentinamente transformados em “meras atividades artísticas” (MARTINS, 1998, p. 41). Esses docentes viram-se totalmente perdidos e despreparados para enfrentar o seu trabalho de maneira adequada segundo as exigências do sistema.

## 2.3 Escola Nova

Segundo Ferraz e Fusari (1999) a Pedagogia Nova, conhecida também por Movimento da Escola Nova, teve suas origens na Europa e Estados Unidos (século XIX), sendo que no Brasil iria surgir só a partir do ano de 1930 e seus métodos passaram a ser utilizados a partir dos anos 50/60 em escolas experimentais. A preocupação com o método, com o aluno, seus interesses, sua espontaneidade e o processo do trabalho caracterizam-na como uma pedagogia essencialmente experimental, fundamentada especialmente na Psicologia em decorrência a sua aproximação com pedagogia. Segundo as OCEM (2006), começa a ser valorizada a arte da criança, sobre grande influência de John Dewey (1859/1952) e da psicologia cognitiva de Piaget (1896/1980), entre outros autores.

Na passagem do século, pouca coisa do que acontecia no mundo passava despercebido aos intelectuais brasileiros. Vygotsky (1996, p. 9) afirma que:

A psicologia deve muito a Jean Piaget. Não é exagero afirmar que ele revolucionou o estudo da linguagem e do pensamento das crianças. Piaget desenvolveu o método clínico de investigação da ideias infantis, que vem sendo amplamente usado desde a sua criação. Foi o primeiro pesquisador a estudar sistematicamente a percepção e a lógica infantis; além do mais, trouxe para o seu objeto de estudo uma nova abordagem, de amplitude e ousadia incomuns. (...), Piaget concentrou-se nas características distintas do pensamento das crianças, naquilo que ela *têm*, e não naquilo que lhes falta. Por meio dessa abordagem positiva, demonstrou que a diferença entre o pensamento infantil e o pensamento adulto era mais *qualitativa* do que quantitativa.

A Escola Nova marcou o cenário nacional, com propostas inovadoras que eram contrárias ao ensino tradicional existente. Com ela, a educação ganhou espaço norteando as diretrizes escolares que com isso acrescentavam conhecimentos às práticas pedagógicas existentes. O movimento surgiu amparado por conceitos de modernização, que foram iniciados já no século XIX, quando o país passou do sistema escravocrata ao trabalho livre e ocorreu a instalação do regime republicano.

Mesmo com o ensino de arte sendo valorizado nesta tendência, as OCEM (2006) ressaltam que se por um lado a escola nova é reconhecida pela ênfase nos aspectos afetivos e psicológicos do aluno, por outro lado é criticada por não considerar o contexto sociocultural e político e também por recusar o saber sistematizado e o acesso aos conhecimentos artísticos tradicionais a fim de preservar o ato criativo das crianças.

## 2.4 Pedagogia Crítica

A pedagogia histórico crítica desenvolveu-se principalmente no período entre 1980 e 1991 e contempla o estudo das experiências pedagógicas iniciadas pelas pedagogias críticas, apresentando as formas assumidas pelas mobilizações de educadores, pela organização política no campo educacional, bem como pela circulação das idéias pedagógicas.

A pedagogia crítica foi uma tendência voltada para uma aprendizagem contextualizada, falava-se muito nas classes desfavorecidas e nos grupos marginalizados, era questionada a legitimação da cultura que se encontrava nas academias e nos museus.

Como consta nas OCEM (2006), essa tendência foi fundamentada nas ideias freirianas, que buscou dar ênfase aos conteúdos histórico-sociais que valorizavam os conhecimentos adquiridos anteriormente pelos estudantes. Em 1977, o MEC criou o PRODIART, programa que tinha como objetivo a integração da cultura no espaço escolar, mas mesmo as intenções sendo as melhores o resultado não foi positivo, sendo mínimas as representações artísticas dentro do espaço escolar.

No ensino da arte, essa escola era ligada aos movimentos sociais, culturais e artísticos de resistência à ditadura militar. As OCEM (2006) nos dizem que o teatro foi uma das linguagens artísticas que mais atuou dentro dessa tendência, usado para influenciar as comunidades nos movimentos de luta da resistência política. A gravura também foi usada como meio de divulgação através das panfletagens com ideias revolucionárias. Libâneo (1985, p.128 -129) nos afirma que:

A pedagogia crítico-social propõe uma teoria pedagógica embasada numa concepção de mundo, que, expressando os interesses majoritários da sociedade, parte das condições concretas (históricas e sociais) em que se desenvolve a luta de classes. Desse ponto de vista a didática crítico-social proposta por ele “concebe o ensino como transmissão intencional e sistemática de conteúdos culturais e científicos, a partir do entendimento de cultura como expressão das contradições e lutas concretas da sociedade. (...) uma didática historicamente contextualizada e comprometida com a transformação social.

Para fechar este capítulo penso que seria o momento de pensarmos em uma nova concepção de escola, uma escola brasileira que evidencie a nossa



diversidade cultural, pois na maioria das vezes eram utilizados modelos de escola baseados em outros contextos culturais, outros países, que quase sempre se encontram em uma maior escala de desenvolvimento social e econômico. As tendências aqui citadas são fontes de pesquisa para podermos analisar de forma clara os acontecimentos atuais e prosseguir buscando um ensino de qualidade para todos.

### 3 O JOVEM NA CONTEMPORANEIDADE

A diversidade cultural presente em nossa sociedade se destaca entre os jovens entre outras coisas, por meio de manifestações visuais, se fazendo notar através da maneira como se vestem e dos acessórios usados para fazerem parte de um determinado grupo. Esses grupos se formam na busca do reconhecimento e da valorização de suas identidades que se encontram em formação. Segundo as OCEM (2006) no cenário pedagógico e principalmente no ensino de da Arte surgem, então discussões para a ampliação das diferenças conceituais entre arte e cultura. O documento ressalta que:

Baseadas no impacto de novas tecnologias, essas abordagens descentralizam os saberes tradicionais do professor e dos currículos, valorizando as diversas formas de manifestações artísticas e estéticas ligadas ao cotidiano social e privado dos indivíduos. Valoriza-se, assim o repertório do aluno, especialmente dos jovens em contato com as mídias, priorizando a análise dos ritmos subjacentes ao modo de vestir, falar, aos gestos de cumprimento e às preferências esportivas. (OCEM, 2006, p.178)

A principal preocupação entre os jovens, em sua maioria, é com a aparência física; a busca constante por autoafirmação faz com que realizem várias experimentações usando seus corpos como suporte para expressar e buscar a compreensão de sua própria existência. Para Richter (2003), os educadores devem criar ambientes de aprendizagem que promovam a alfabetização cultural e que essa alfabetização considere a identificação do contexto cultural em que a escola e a família estão imersas. Richter (2003) salienta que a escola como instituição formal não deve se descuidar no desenvolvimento de capacidades específicas voltadas para a sociedade em que o jovem está inserido.

Nesse contexto exponho o meu ponto de vista e questiono de que maneira as mídias intervêm nesse processo de formação de identidades e valorização da cultura? A pesquisadora Fantin (2008, p. 50) enfatiza que a escola tem grande importância na formação de significados e comportamentos adquiridos fora dela e explica:

Além da escola, hoje as mídias apresentam cada vez mais cedo o mundo as crianças, e elas trazem os repertórios do cinema, da televisão, dos quadrinhos, da literatura, da imprensa e das redes nas falas cotidianas – muitas vezes cheias de estereótipos -, e compõe o currículo extra-escolar.

Na medida em que a educação escolarizada não intervém na crítica e na depuração desse conhecimento extra-escolar, advindo das mídias, não ativa um âmbito de socialização decisivo para os indivíduos (que poderia ser o trabalho numa perspectiva intercultural no ensino, coerente com valores de uma sociedade democrática que respeita o pluralismo).

A sociedade atual se define pelas grandes mudanças, conceitos de modernidade, pós-modernidade, contemporaneidade, e os jovens, nesse contexto, recebem informações e imagens a todo instante. A disciplina de Arte, como ressalta Teixeira, (2005, p.191) “baseada nas experiências visuais dos educandos, deveria mobilizar propostas que diversificassem e ampliassem a formação artística e estética do educando, como também as vivências emotivas e cognitivas que esses meios exploram”. Esta é a era da tecnologia e da informação e é nesse contexto que a nossa criança (jovem) está inserida. E nós mesmo que não tenhamos nos alfabetizados dentro dessa era tecnológica, também fizemos parte desse processo e como educadores somos parte fundamental para a sua adaptação dentro do espaço escolar e também na sociedade.

### **3.1 O Ato Criativo**

A criança aprende através dos sentidos, sua curiosidade lhe proporciona descobertas que aos poucos vão desenvolvendo sua capacidade criadora. A curiosidade e a desinibição aguçam seus impulsos criadores. A criança é um ser livre, puro, sua criatividade é espontânea. Enquanto não tem o domínio da fala e da escrita, sua imaginação transcende para o desenho e a expressão corporal que são usados como principal meio de expressão.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) nos colocam que a imaginação criadora permite ao ser humano:

Conceber situações, fatos, idéias e sentimentos que se realizam como imagens internas, a partir da manipulação da linguagem. É essa capacidade de formar imagens que torna possível a evolução do homem e o desenvolvimento da criança; visualizar situações que não existem, mas que podem vir a existir, abre o acesso a possibilidades que estão além da experiência imediata. (BRASIL, 1997, p. 25)

Nesse contexto, concordo com Pillotto (2008, p. 48) quando diz que “os alunos são receptivos a novas experiências e, portanto cabe ao professor não romper com esse processo de apreensão da realidade e do imagético”. A

criatividade não é um ato exclusivo para uma determinada área do conhecimento humano, pois é o ato criador que estrutura e organiza a sociedade e novamente são os documentos de arte que nos afirmam que:

A manifestação artística tem em comum com outras áreas de conhecimento um caráter de busca de sentido, criação, inovação. Essencialmente, por seu ato criador, em qualquer uma das formas do conhecimento humano, ou em suas conexões, o homem estrutura e organiza o mundo, respondendo aos desafios que dele emanam, em um constante processo de transformação de si e da realidade circundante. (BRASIL, 1997, p. 30)

No momento em que o educador em arte proporciona a possibilidade de uma melhor compreensão dos fazeres artísticos dos educandos, estabelecendo uma identificação com sua própria produção, importantes conquistas são adquiridas no âmbito das relações sociais e também no desenvolvimento cognitivo. Duarte Junior (1998) afirma que o fazer artístico da criança é de suma importância para a sua formação criadora e que

em primeiro lugar, a atividade artística da criança apresenta o sentido de organização de suas experiências. Desenhando, pintando, esculpindo, jogando papéis dramáticos, etc., a criança seleciona os aspectos de suas experiências que ela vê como importantes, articulando-os e integrando-os num todo significativo. Para ela, a arte é mais do que um passatempo; é uma comunicação significativa consigo mesma, é a seleção daqueles aspectos do seu meio com que ela se identifica, e a organização desses aspectos em um novo e significativo todo. (DUARTE JUNIOR, 1998, p. 112).

Dessa forma, a educação em arte não pode ser composta só de informações, de teorias ou do ensino de técnicas, pois a oportunidade de reflexão por meio de sua participação efetiva é de suma importância para as crianças. Esse processo de reflexão é significativo para seu desenvolvimento criador, para seu desenvolvimento emocional, para sua conscientização social e sem essa participação e envolvimento da criança, poderemos ter um jovem sem muito potencial criativo.

### **3.2 Metodologias de ensino - Tecnologia X arte**

Quando penso em juventude, em um primeiro momento, imagino uma porcentagem da população jovem que se encontra em uma faixa etária delimitada entre 15 a 24 anos e a OCEM, (2006, p. 187) enfatizam que “entre as várias fases

da vida humana, a juventude certamente é a que mais precisa e reivindica a ação criativa”. Os jovens encontram-se no processo de se tornarem adultos, em busca, entre outras coisas, de independência financeira. Isso não acontece com todos, pois encontraremos jovens da mesma faixa etária vivendo realidades bem diferentes, pois cada contexto social é construído por muitos fatores, tais como: origem, classe social e contexto histórico. Há jovens que se adéquam a determinadas mudanças. Portanto, neste estudo estarei sempre me referindo aos jovens, considerando os discursos e práticas que constituem as subjetividades jovens.

Dessa maneira, penso na função da Arte como disciplina e no papel do educador em arte na formação de sujeitos críticos e sensíveis esteticamente. Ferraz e Fusari (1999) nos dizem que, se pretendemos contribuir para a formação de sujeitos conhecedores de arte, é preciso que espaço escolar e educador organizem propostas para que a arte esteja presente nas aulas de arte e que seja significativa para seu aprendizado. Os objetivos educacionais em arte dentro do espaço escolar devem referir-se a busca de conhecimento e aperfeiçoamento mediado pelo educador, sobre o pensar e o fazer artístico e estético relacionando o contexto histórico de cada experiência dentro de sua época.

Iavelberg (2003, p. 27) contribui com a reflexão afirmando que:

Os fatos são aprendidos, primordialmente, por repetição ou reiteração das informações neles contidas, pois sua assimilação está ligada à memorização. Entretanto, a memorização deve ser significativa, colocando os fatos em conexão com redes de conteúdos já aprendidos, conceitos, procedimentos, valores e outros, pois, na aprendizagem, diferentes tipos de conteúdos estão associados em redes de significação.

Através dos recursos tecnológicos que são disponibilizados para a educação como a criação de programas que de alguma forma facilitam o trabalho do educador integrando comunicação e informação, disponibilizando uma grande quantidade de imagens que se colocam ao alcance da criança, permitindo a criança e ao jovem o acesso às informações, o educador tem que estar em constante aprendizado. O espaço escolar a todo instante está formando pessoas, oportunizando uma aprendizagem contínua de vida e um exercício crítico se faz necessário para o uso das facilidades que a tecnologia nos oferece, segundo Pimentel (2003, p. 117/118) devemos:

Conhecer o instrumento de trabalho e as possibilidades que ele oferece é essencial, mas ir além da mera aplicação dessas possibilidades é

fundamental. Para alguns trabalhos e estudos, pode ser preferível utilizar um material/técnica tradicional [...] o bom senso, o conhecimento e o desejo, juntos, vão direcionar a escolha [...] imagens, quer sejam produzidas por uma atividade científica ou por uma atividade artística, criam possibilidades de ativarmos nossa referência imagética. Imaginar as possibilidades artísticas via tecnologias contemporâneas é, também, estar presente no próprio tempo em que vivemos.

A tecnologia não é a salvadora do mundo e nem da educação, mas Gatti (2008, p.12) nos diz que “não podemos ignorar a tensão que hoje está colocada nos sistemas educacionais pelas condições sócio culturais e científicas que vivenciamos. Gestores e professores diante de crianças e jovens bem diversificados” (...), personalidade em formação dentro de um contexto social complexo, em que o que se torna determinante é o passageiro, alguns valores sendo perdidos e a mídia gerando uma sociedade alienada. Gatti (2008, p.14) enfatiza que: “(...) a Educação pode ajudar no processo de criação de condições de maior equidade social pelo seu papel de disseminadora de conhecimentos e de formadora de valores”.

Nos dias de hoje a imagem visual está cada vez mais presente no nosso dia a dia, a todo instante somos bombardeados com grandes quantidades de imagens que não temos tempo de selecionar e pensar, por isso é importante que possamos desenvolver a competência de saber ver/olhar e analisar. E o papel do professor de arte é de suma importância nesse processo caso contrário, a disciplina de Artes na escola não contribuirá com o desenvolvimento contínuo da criatividade no jovem contemporâneo.

#### 4 APRENDER ARTE HOJE

Na atualidade, a rapidez com que recebemos as informações e a quantidade de imagens recebidas nos impulsiona a ter uma vida social também instável, muito mais formal e menos coletiva. As novas tecnologias alteraram as relações sociais, que em muitos casos, se tornaram superficiais.

Temos pressa, muita pressa, hora para isto, hora para aquilo, os desencontros, a velocidade do relógio que muitas vezes é lento demais e outras rápido demais, tudo acontece em uma velocidade que não conseguimos discernir e menos ainda refletir, chegamos e saímos de determinados lugares tão rápidos que nem dizemos um bom dia! Ou, como está você? Não temos tempo, tempo de pedir licença, tempo de dizer, muito obrigado! As desculpas são inúmeras, tempo para dar desculpas temos, tempo para reclamar da falta de tempo temos e tudo isto se deve ao processo acelerado do crescimento, do consumismo sendo induzido pela mídia.

Dessa forma, precisamos ter o discernimento de filtrar os conhecimentos, pois o mundo globalizado como está hoje, exige essa atitude. Valle (2008, p. 23) em sua dissertação de mestrado ressalta que:

Na sociedade das informações velozes e interconectadas, o mundo pede que tudo seja muito rápido para “acompanhar” as transformações. E as transformações ocorridas na arte a partir do surgimento das novas tecnologias e correntes artísticas mudaram as relações do público com a arte.

Nesse contexto em que a educação se encontra e que exige do educador um constante aprendizado, os professores – não só o professor de Artes – devem buscar ainda um maior conhecimento sobre o contexto cultural em que a escola se encontra inserida, para assim poder identificar as características predominantes nesse mesmo espaço e contemplar essas informações em seu planejamento. Essa atitude parece ser indispensável para que os alunos consigam estabelecer relações entre os que vivem na escola e fora dela.

A escola é um lugar institucionalizado e trabalha de alguma forma, o convívio, as relações sociais e o sensível de cada um, deve ser um espaço onde os educadores podem oportunizar uma reflexão que possa acompanhar essas transformações e contribuir para uma melhor qualidade de vida para os educandos. Dentro desse contexto, segundo Lopes e Rodrigues (2005, p. 217)

Encontrar uma maneira de organizar o trabalho de educação escolar que

contribua nesse rumo, é um desafio que o coletivo dos professores compromissados em conseguir escolas de melhor qualidade para toda a população enfrentam.

Os professores que se encontram em fase inicial e o que está atuando na educação há algum tempo devem buscar uma formação contínua ressignificando seus conhecimentos teóricos e práticos. Sobre sua prática, deve considerar que a mediação é a principal possibilidade de um conhecimento mútuo entre educador/educando. Martins (2005, p. 44) nos coloca que “a mediação é mais do que estar entre uma pessoa e um objeto, que esta possibilidade ocorre entre ambos, dependendo da qualidade e da intensidade, que amplia as conexões afetando tanto o educando quanto o educador”.

Outra necessidade do trabalho do docente contemporâneo é estar focado em uma atitude investigativa buscando instrumentos que facilitem a comunicação e o aprendizado do aluno de uma forma prazerosa para ambos. Para Corrêa e Matté (2005, p. 203):

A construção do trabalho docente contemporâneo é o sustentáculo da atitude investigativa para a solução de problemas inerentes ao momento histórico atual. A criatividade é outro fator determinante, pois é ela que proporciona ao aluno a solução de problemas, quer sejam estéticos ou científicos.

Nesse contexto de mudanças ainda é atribuído ao educador, a reflexão sobre uma educação de maneira interdisciplinar que Gatti, (2008, p.12) nos explica como:

Um mesmo fenômeno pode ser compreendido por diferentes modelos interpretativos, mais, pode ser apenas e provisoriamente compreendido por diferentes modelos. Ou mais, um mesmo fenômeno só pode ser compreendido, e, ainda relativamente, quando abordado por particulares formas de integração de informações/conhecimentos de várias áreas distintas, com metodologias variadas.

Na maioria das vezes, a interdisciplinaridade é trabalhada dentro da escola de forma superficial, mas temos múltiplas possibilidades de articular esses diferentes saberes para que haja um melhor aprendizado em todo o espaço escolar. No ensino da arte, poderá resultar numa melhor compreensão da disciplina e suas linguagens ressignificando a sua finalidade para a formação dos sentidos humanos.

Em nosso cotidiano observamos que busca-se através de projetos educacionais atingir um maior número de jovens. No entanto na maioria das vezes, a Arte, em suas diversas linguagens, é trabalhada não de uma forma intensa, mas sim superficialmente, como uma atividade sem reflexão, uma linguagem artística



momentânea, descartável e descomprometida com as questões do conhecimento. No entanto é preciso deixar claro que não é só a disciplina de arte a responsável em efetuar mudanças no sujeito e no espaço escolar, pois como afirmam Oliveira e Hernández (2005), a arte é um dos caminhos mas ela não anda só.

Dentro do espaço escolar precisamos pensar juntos construindo novos significados nos mais diversos campos do saber, tecendo relações para obter um conhecimento mais abrangente.

Diante dessas afirmações colocadas pelos autores, penso que cabe aos educadores em arte analisarem o que está sendo pensado em termos de currículo para o ensino de arte dentro da educação básica, pensando em uma educação interdisciplinar que tenha como objetivo, o aprendizado significativo e reflexivo.

Pillotto (2008, p. 49) nos faz alguns questionamentos:

O que realmente importa para cada etapa da escolaridade? Aprender a decodificar ou a interpretar? Seguir rituais cotidianos, previsíveis e repetitivos ou esperar curiosamente pelo inesperado? Desenvolver o conhecimento sensível ou reproduzir sempre o já conhecido? Quais os caminhos a percorrer? Acomodar-se com o cotidiano ou agitar-se num mundo de mudanças, de descobertas? Percorrer o já conhecido ou se aventurar no universo do desconhecido? Seguir obedientemente todas as orientações institucionais ou argumentar, analisar, criticar e principalmente se fazer presente nas mudanças?

Como nos coloca Schlichta (2009, p.14), podemos reconhecer “a arte como conhecimento, sem desligá-la da sua natureza criadora, mas reconhecendo que é também um dos meios de que dispõe o homem para captar e conhecer a realidade humano-social”. Ao refletirmos sobre a arte como possível relação entre os múltiplos saberes, sua apropriação ocorrerá de maneira com que o educando encontre sua verdadeira finalidade que é a formação humana estética e sensível. Segundo Vázquez (apud SCHLICHTA (2009, p.14):

A arte como conhecimento da realidade pode nos revelar um pedaço do real, não em sua essência objetiva, tarefa específica da ciência, mas em sua relação com a essência humana. Há ciências que se ocupam de árvores, que as classificam, que estudam sua morfologia e suas funções; mas, onde está a ciência que se ocupa das árvores humanizadas? Pois bem; são precisamente estes objetos que interessam a arte.

O educador em arte busca em sua área específica do conhecimento o domínio de determinados saberes que são básicos para a formação do sujeito sensível e crítico. Assim cabe nos questionarmos sobre de que maneira nós, educadores em arte, realizamos nossa tarefa, possibilitando ao jovem uma compreensão de mundo mais crítica e subjetiva.

Schlichta (2009, p.17) afirma que:

É evidente que para a realização de uma educação de arte no ensino médio é indispensável à ampliação do espaço de discussão, dando destaque ao diálogo entre a experiência adquirida e o processo de formação do educador e pesquisador em arte, pois este processo é dialético e social e não se encerra em uma resposta individual, mas, sim, sempre em construção.

Considerando o momento da atualidade em que nos encontramos, e a rapidez dos acontecimentos, das informações, a variedade de imagens, sons, torna-se difícil compreender e até mesmo se apropriar de todas as informações. As novas tecnologias vieram para facilitar o contato entre as pessoas: o que antes parecia estar tão distante, agora não está mais. Está tão perto e chega tão rápido que não temos tempo para assimilar tudo, hoje visitamos um museu virtualmente, trabalhamos as diversas linguagens – escultura, música, arte plástica – através de um computador.

Mas e a experiência, o contato físico com a diversidade de materiais, cores e texturas? Como poderemos usar os softwares gráficos para auxiliar os educadores em arte dentro da sala de aula? Portella (2003) diz que a presença de museus virtuais possibilita o contato com a produção artística em diferentes momentos da história da humanidade, dando oportunidades a registros e consultas.

Pimentel (2003, p.117) ressalta que:

Somente o uso da tecnologia, com o simples aproveitamento das facilidades que ela oferece, não garante o desenvolvimento de um pensamento artístico ou da construção de um saber em arte. Conhecer o instrumento de trabalho e as possibilidades que ele oferece é essencial, mas ir além da mera aplicação dessas possibilidades é fundamental.

Cabe a nós educadores estarmos prontos para novas adaptações, sermos capazes de aprender novos conhecimentos, refletindo e procurando solucionar os problemas que irão surgindo.

Na visão de Pillotto (2008, p. 48) os alunos são receptivos a novas experiências e, portanto, cabe ao professor não romper com esse processo de apreensão da realidade e do imagético. Quanto maior for a nossa capacidade de aprender maior será o nosso avanço em busca do conhecimento. Considerando tal contexto as OCEM (2006, p. 179) nos colocam que:

Nesse processo de construção histórica, consolidou-se a disciplina de Arte, em cujo domínio inserem-se os conhecimentos referentes às linguagens da música, da dança, das artes visuais, do teatro. Portanto, a unidade da arte, tanto quanto da ciência, se decompõem em formas específicas e

especializadas de conhecimento, mas também se recompõem em formas híbridas. A ciência converte-se em tecnologia. A arte coloniza/humaniza essas tecnologias, inscrevendo-as no cotidiano com novas funções artístico-estéticas, utilitárias, comerciais, de entretenimento, etc.

Olhar o mundo através de registros históricos, conhecer a história da criação humana a partir das linguagens da arte colabora com suas construções, permitindo uma ampla bagagem cultural.

Como educadores em arte e pesquisadores sobre Arte devemos ir em busca de práticas que possam traduzir os novos ensinamentos que a ciência converteu em tecnologia usando a arte como principal aliada para que não haja uma maior desvalorização da arte dentro do espaço escolar.

## 5 ELES PENSARAM, ESCREVERAM, ENTÃO FICOU REGISTRADO QUE ...

Para este estudo busquei investigar qual a relação do jovem com as aulas de Artes e para dar início à minha pesquisa apliquei um questionário com oito perguntas para vinte e três alunos do ensino médio de uma escola estadual da cidade de Criciúma. Na questão de número um, objetivei saber a quanto tempo eles estudam nessa referida escola e as respostas me mostraram que a maioria está na escola há mais de sete anos.

Na segunda questão pedi aos alunos que citassem um conteúdo que eles tivessem aprendido nas aulas de arte e que considerassem importante para sua formação, pois o que consta nas OCEM (2006, p. 177) é que “O ideário sobre o ensino da Arte contempla as diferenças de raça, etnia, religião, classe social, gênero, opções sexuais e um olhar mais sistemático sobre outras culturas”. O documento ainda ressalta que temos que reforçar a herança estética e artística dos alunos, possibilitando o desenvolvimento de uma alfabetização cultural de acordo com o contexto cultural do educando.

A resposta da maioria dos alunos nessa questão foi que não aprendeu nada; apenas um aluno cita a arte abstrata e dois citam a performance, mas destaco a fala de uma aluna que diz:

— *A arte pode ser construída com mínimas coisas, mas grande com ideias que revolucionam a arte moderna* (aluna A).

As OCEM (2006, p. 183) afirmam que

o objetivo último e fundamental da educação – e da presença da arte nos currículos como uma forma particular de conhecimento – é capacitar o aluno a interpretar e a representar o mundo à sua volta, fortalecendo o processo de identidade e cidadania.

Na terceira questão questiono os alunos sobre qual o papel do professor de artes na sua formação como sujeito sensível e crítico. A maioria deles não respondeu essa questão e os que responderam disseram que o papel do professor era ensinar, mas que o seu professor não ensinava. Sobre isso, Lavelberg (2003) nos coloca que o professor tem um papel significativo na construção da identidade artística das crianças e dos jovens, o que converge para a resposta de três alunos quando citaram que o professor mostra como a arte é importante na sociedade, que

podemos refletir sobre o nosso cotidiano e que podemos olhar para uma pintura e ser sensível e crítico, tanto pelos traços como pela sua mensagem.

Demo, 1998 (apud KRONBAUER, 2008, p. 27) nos traz uma estratégia de motivação desafiando os educadores a:

Assumirem a pesquisa como atitude cotidiana, onde o questionamento reconstrutivo ganha espaço em sala de aula. Significa dizer que o espaço pedagógico da sala de aula precisa ganhar vida, ser redimensionado para constituir-se em um lugar onde educador e educandos possam refletir, discutir, reconstruir seus saberes, gerar aprendizagens significativas. Poderíamos dizer que a sala de aula pode e deve se constituir em um laboratório de aprendizagens.

Na questão de número quatro pedi a eles que contribuíssem com uma sugestão para que a aula de artes pudesse ser de grande valia para sua formação escolar e a maioria contribuiu com uma ou mais sugestões. Solicitaram mais conteúdos, assuntos interessantes sobre artistas e disseram que a arte é para ser extrovertida, não uma coisa morta. Segundo Lavelberg (2003) o interesse por arte pode ser criado também pelo professor nas aulas, que não precisa partir sempre do aluno, que esse aprendizado deve acontecer manifestado pelo diálogo entre educador/educando.

Os jovens sugeriram também mais aulas práticas envolvendo a *comunicação geral voltada para o mercado de trabalho* (aluno A), que houvesse interação com os cinco sentidos, obras atuais de pintores em vários lugares do mundo, visitas a exposição, mais aulas de desenho, mais história e mais cultura nas aulas de arte.

As sugestões colocadas pelos alunos vêm ao encontro do que nos sugerem as OCEM (2006, p. 181), ao tratarem das possibilidades de trabalhar o ensino de Arte por meio das:

**Manifestações artísticas** Diversas linguagens, a verbal, musical, visual, gestual etc. Com as diversas culturas: popular, erudita, massiva, tradicional, antiga, atual, híbrida, etc. Diferentes dimensões do sujeito: afetiva, estética, crítica, investigativa, etc. **Manifestações profissionais** Nos diferentes meios de comunicação e entretenimento: jornal, rádio, televisão, cinema, internet, publicidade, design (gráfico, de objetos, de moda, etc.) arquitetura, artesanato, decoração, entre outras possibilidades. **Manifestações cotidianas** O acesso a esses múltiplos usos da linguagem amplia as possibilidades de o sujeito comunicar ideias e sentimentos, solucionar problemas, estabelecer relações interpessoais, compreender e interferir no seu meio ambiente.

Na questão seguinte indaguei: qual a função das aulas de artes para sua formação integral? Sendo que segundo Larrosa (apud, MARTINS, PICOSQUE, GUERRA, 2009, p.119) a arte tem a função de nos fazer construir sentidos e:

parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar e escutar mais devagar, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

A maioria deixou a resposta em branco ou afirmou não saber, sendo que quatro alunos responderam que a função das aulas de artes é:

- *Para poder tirar notas boas, e aprender que a arte não é só desenho, mas sim a vida nela incluída* (aluna A).
- *Entender profundamente as coisas de outra maneira que não são as reais.* (aluna B)
- *Capacitação interpessoal, e crítica* (aluna C).
- *De fazer com que eu use as minhas próprias ideias e a criatividade* (aluna D).

Os alunos destacados colocaram que a função da arte é a imaginação e a criatividade, que precisamos ver o mundo além do real e que para isto acontecer o professor precisa estimular o aluno a ter suas próprias ideias.

Pillotto (2008, p. 48/49) nessa perspectiva nos mostra que:

O fazer criativo dos alunos sempre se desdobra numa simultânea exteriorização e interiorização das suas experiências, numa compreensão cada vez maior de si próprio e numa constante abertura de novas perspectivas do ser. Para que isso ocorra, as instituições educacionais possuem grande responsabilidade e muitos desafios. O primeiro deles é de permitir que esse processo se faça valer através de ações que lhe possibilitem experiências com as linguagens da arte, desenvolvendo consequentemente a imaginação, a percepção, a emoção, a instituição e a criação.

Fantin (2008, p. 44) nos ressalta que a criatividade não é exclusiva do campo da arte e que a infância é um período fértil para iniciar tal processo.

Pensar o processo criador é refazer, recriar, transformar... É pensar um processo no qual mais importante do que saber as respostas dos problemas é saber formular perguntas, descobrir problemas. E esse processo criador não fica restrito ao campo da arte e da prática estética, pois está presente na nossa vida, no nosso trabalho e nas nossas relações. Cabe a escola, aos professores mediadores de cultura e aos diferentes espaços de produção cultural não só possibilitar, desenvolver e promover situações que envolvam a criação, mas desafiar, provocar, instigar o pensamento divergente e suas contradições, a sensibilidade, a busca de significado, a construção de novas relações. Pensar o processo criador é alimentar a

relação significativa e inquieta com o conhecimento, que é construído na criação, na transformação e na recriação de hipótese em constante movimento, como pulsão de vida.

A pergunta número seis do questionário tratou dos conteúdos e disciplinas considerados importantes na formação escolar dos jovens, pedindo uma justificativa. As disciplinas mais citadas foram Português – treze vezes – e Matemática – quinze vezes. As disciplinas de Biologia e Geografia foram citadas três vezes enquanto que o Inglês, a Educação física e História, apenas duas vezes. Destaco as disciplinas que foram citadas uma só vez: Sociologia, Ciências, Filosofia, Química, Física e Arte. Em especial, trago a resposta de uma aluna que disse:

– *Todas são importantes, só precisamos de professores mais dedicados e interessados e mostrar a importância desde a Matemática até Educação Física, Artes* (aluna E).

Aqui podemos observar que a aluna E citou a matemática em primeiro lugar e a arte por último, o que nos leva a pensar que, embora o seu discurso tente afirmar que todas as disciplinas tem importância, sua fala demonstra uma hierarquia entre as disciplinas. Sobre isso os PCN (2000, p. 28) afirmam que “o lugar da arte na hierarquia das disciplinas escolares corresponde a um desconhecimento do poder da imagem, do som, do movimento e da percepção estética como fontes de conhecimento”.

O ensino de arte vem alcançando, no decorrer do tempo, muitas conquistas, mas ainda enfrenta alguns desafios. Nesse sentido, penso que precisamos estabelecer relações com o que estamos ensinando e com o que a sociedade está reivindicando; necessitamos, com certeza, de pessoas que escrevam, leiam e façam cálculos e que junto com essas habilidades desenvolvam também a capacidade de criar e pensar. Precisamos contribuir na formação do sujeito sensível e crítico que com sua imaginação e criatividade possam ultrapassar limites. Duarte Junior (1998, p. 105) nos fala que, numa

civilização onde cada vez são mais estreitos os espaços destinados a imaginação, onde o racionalismo elegeu o “realismo” como norma de ação, e onde até mesmo o prazer deve ser comprado, a arte pode constituir-se num elemento libertador. Justamente por negar a supremacia do conhecimento exato, quantificável, em favor da lógica do coração. Por guardar em si um convite para que a imaginação atue, em favor da vida dos sentimentos. No estado estético, nossa alma apreende no abjeto (além das qualidades suscetíveis de determinação conceitual) qualidades psíquicas e, quando as vivenciamos concretamente, nossa alma se expande por cima da

esfera real de sua luta com o mundo exterior, até um ser imaginativo, livre e flutuante.

Na sétima questão busquei a opinião dos jovens em relação ao conhecimento artístico e como ele é adquirido. Quatro alunos citaram que o conhecimento é adquirido por meio de aulas práticas/colocando em prática principalmente. Outros dois alunos disseram que observando obteríamos o conhecimento artístico e a opinião de mais dois alunos foi de que através de aulas práticas e teóricas este conhecimento seria aprendido. De todas as respostas analisadas nessa questão destaquei dois comentários. Um deles responde que o conhecimento artístico:

– *ocorre aprendendo a desenhar, a imaginar e perceber o que pode haver em uma obra de arte (aluna A).*

Sobre isso os PCNEM (1999) afirmam que a Arte, além de contribuir para o desenvolvimento pessoal, tais saberes podem aprimorar a participação dos jovens para que eles possam

desenvolver competência em arte, na medida em que praticam modos de fazer produtos artísticos (experimentando elaborações inventivas – percepções e imaginações com significado sobre a cultura -, expressões sínteses de sentimentos) e maneiras de fazer apreciações e fruições em cada linguagem da Arte ou em várias possibilidades de articulação. Na medida em que tais fazeres são acompanhados de reflexão, trocas de ideias, pesquisas e contextualizações históricas e socioculturais sobre essas práticas, transformam conhecimentos estéticos e artísticos anteriores em compreensões mais amplas e em prazer de conviver com a arte.(BRASIL,1999, p.173)

O outro aluno afirma que:

– *Até agora não obtive este conhecimento, mas penso que o conhecimento artístico é sermos críticos em relação às coisas que nos rodeiam e compreendermos o sentido real e figurado do por que as coisas existem ou acontecem daquela maneira (aluno B).*

As ideias de Richter (2003, p. 51) vem ao encontro da fala do aluno B, quando nos coloca que

Precisamos de um ensino de arte por meio do qual as diferenças culturais sejam vistas como recursos que permitam ao indivíduo desenvolver seu próprio potencial humano e criativo, diminuindo o distanciamento existente entre arte e vida.

A questão de número oito que encerra o questionário, pergunta quais as contribuições das aulas de Arte para o desenvolvimento intelectual e cultural dos alunos do ensino médio. A maioria dos participantes da pesquisa de campo deixou a



questão em branco e os que responderam disseram que as aulas de Arte não contribuem em nada. Quatro responderam que o ensino da arte contribuiu para o seu desenvolvimento artístico e um aluno citou que era para deixar a vida mais colorida.

No entanto, podemos destacar duas respostas que indicaram uma contribuição significativa:

– *É uma influência muito grande pois como na sala de aula e na vida a arte está incluída, ajuda a contribuir para que possamos olhar cada pintura, cada teatro, nossa vida dentro da arte* (aluna A).

Como afirma o PCNEM:

Conhecer a arte no Ensino Médio significa os alunos apropriarem-se de saberes culturais e estéticos inseridos nas práticas de produção e apreciação artísticas, fundamentais para a formação e o desempenho social do cidadão. Na escola de Ensino Médio, continuar a promover o desenvolvimento cultural e estético dos alunos com qualidade. No âmbito da Educação Básica, pode favorecer-lhes o interesse por novas possibilidades de aprendizado, de ações, de trabalho com a arte ao longo da vida. (BRASIL, 1999, p. 169).

Podemos concordar com a aluna A quando diz que a nossa vida está dentro da arte e que a arte está incluída em tudo, acrescentando que a arte nos ajuda a interpretar o mundo de outra forma através do conhecimento de outros povos e suas culturas como afirma o aluno F:

– *Ela me contribuiu a me levar a conhecer o mundo e a cultura dos outros tipos de raças, como os indígenas, como os portugueses e outros tipos de cultura do mundo todo. Me levou a conhecer bastante obra de artes de todos os autores famosos.*

A arte está presente em cada cultura, de forma que ao buscarmos o conhecimento através da história contida nas obras de arte, podemos conhecer e entender a diversidade cultural em que estamos inseridos e como ressaltam as OCEM (2006, p.187) esse conhecimento deve:

(...) tornar-se ainda mais consistente e sistemático no ensino médio. Para interpretar os textos e as narrativas culturais, deve-se analisar as características (morfológicas e sintáticas) da imagem ou da obra de arte, tal como ela é percebida pelo jovem a partir de seu próprio quadro de referências culturais. O aluno precisa compreender o contexto de cada uma dessas narrativas, sua história e suas motivações (funções) sociais.

Ligando o período em que os alunos estudaram na escola estadual escolhida para a pesquisa de campo, com as respostas que destacamos nessa análise percebemos que apenas os alunos E e F estudam na escola há mais de seis

anos. Os alunos A, B, C e D estudam na escola de um a três anos o que significa que tiveram contato com aulas de arte em outro estabelecimento de ensino. Esse dado torna-se muito relevante ao considerarmos que as respostas mais positivas foram dos alunos A e B, seguidos dos destaques das respostas correspondentes aos alunos C e D. No entanto, o aluno F revela ter tido oportunidade para desenvolver-se culturalmente e estuda nessa escola, há mais de seis anos.

Os resultados obtidos com esta pesquisa me levaram a refletir sobre a importância do educador na formação do jovem e de conhecer um pouco a luta dos educadores em arte, que buscaram e ainda buscam uma valorização dessa disciplina dentro da educação. Foram muitas vitórias, mas temos muitas batalhas ainda que só serão vencidas quando os educadores buscarem uma educação de qualidade que una todo o espaço escolar. Nessa educação de qualidade, talvez uma das atitudes deva ser que as disciplinas não trabalhem individualmente e que a interdisciplinaridade seja desenvolvida em todo espaço escolar por todos, valorizando todo o aprendizado e que o objetivo de todos seja a formação do sujeito sensível e crítico.

Pensando na formação de sujeitos sensíveis e críticos, proponho aos educadores em arte uma ressignificação do ensino aprendizagem da Arte dentro do espaço escolar público, com encontros bimestrais onde seja possível trocar experiências e fazer uma auto-avaliação do processo metodológico usado dentro do espaço escolar.

## **PROJETO DE CURSO**

**TÍTULO:** Ressignificação do ensino aprendizagem da Arte dentro do espaço escolar público

### **JUSTIFICATIVA**

A arte sempre esteve presente no cotidiano das pessoas. O jovem, ao criar, manipular diversos tipos de materiais, expressa seus sentimentos e através de manifestações artísticas, entra em contato com um universo mais amplo, de muitas possibilidades e experiências. Assim, amplia sua percepção do mundo e desenvolve seus sentidos. O papel do professor é criar condições para que o contato da criança com a arte aconteça de uma forma com que esta experiência seja significativa. E que a criança/jovem possam experimentar através da prática e da criação, aguçando sua imaginação se tornando um sujeito mais crítico, observador e criativo.

Por isso, enquanto educadores devemos buscar um exercício de compreensão do trabalho docente, nos colocando em um posicionamento em que favoreça o sistema educacional público e também o papel do educador na formação dos sujeitos, procurando inovar as metodologias de ensino de acordo com o contexto cultural, mediante uma atualização frequente dos processos de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, este projeto de curso visa proporcionar, através de encontros para discussões, outras formas de lidar com o planejamento de ensino na disciplina de arte e seus desdobramentos em planos e projetos. Promover encontros que desencadeie um processo para repensar o ensino de arte no espaço escolar público, buscando uma maior valorização para essa disciplina e suas linguagens, é fundamental para tornar significativo, o que se estuda na escola.

**EMENTA:** Ensino da arte. Teoria e prática da Metodologia do ensino de arte.

## **OBJETIVO GERAL**

Possibilitar ao espaço escolar, ao corpo diretivo da escola e aos professores de Arte uma maior aproximação com as linguagens da Arte, buscando e ressignificando seus conhecimentos para assim buscar a valorização da arte dentro do espaço escolar público.

## **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Reconhecer as contribuições da arte na formação dos sujeitos;
- Ampliar olhares para perceber as diferentes formas de expressão presentes na arte;
- Elaborar metodologias de ensino para uma aprendizagem da arte mais significativa.

## **METODOLOGIA**

Os encontros tem como objetivo principal a possível execução de um planejamento do ensino de arte na escola. Esses encontros serão realizados no início e no final de cada bimestre, durante o ano letivo escolar, através de módulos de 16 horas cada, para que o professor e corpo diretivo da escola possam refletir sobre as metodologias de ensino da Arte e trocar experiências. Esse conhecimento pode resultar em aulas mais prazerosas e significativas, tanto para o educador como para o educando e que ao desenvolverem mais aulas práticas, além das teóricas, possa-se construir uma aprendizagem reflexiva e crítica.

Através dos módulos dos cursos que serão feitos antes de cada bimestre durante o ano letivo, o professor e corpo diretivo da escola terão como analisar o aprendizado do aluno e o professor poderá fazer uma auto-avaliação da sua metodologia de ensino de arte e com os cursos poderá refazer o processo e suas metodologias, para assim haver um aprendizado mais significativo e uma maior valorização do ensino de arte no espaço público escolar.

4 horas	O encontro tem como objetivo principal a possível execução de um planejamento do ensino de arte na escola; Reconhecimento e estudo dos documentos de Arte: PCNs, OCEM Troca de experiências entre os professores e corpo diretivo da escola.
8 horas	Palestra sobre metodologia de ensino aprendizagem; Elaborar metodologias de ensino para uma aprendizagem da arte mais significativa; Palestra sobre ensino de arte; Oficinas práticas que abranjam todas as linguagens da arte; Reconhecer as contribuições da arte na formação dos sujeitos.
4 horas	Refletir sobre as metodologias usadas durante o bimestre e trocar experiências entre os professores, e fazer uma análise do que foi ensinado e o que foi aprendido, para assim poder rever a metodologia para fazer as mudanças necessárias para assim alcançar o objetivo proposto.

**Proposta de carga horária: (módulos)**

Teóricas: 4 horas

Práticas: 8 horas

Seminário para troca de experiências: 4 horas

Total: 16 horas por módulos

**Público alvo:** Professores de arte da Rede pública de Ensino e corpo diretivo da escola.

**REFERÊNCIAS:**

SCHLICHTA, Consuelo. **Arte e Educação: há um lugar para a arte no ensino médio?** Curitiba: Aymar, 2009.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Fundamentos Estéticos da Educação.** 5ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 2008.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T. FUSARI, Maria de Rezende e. **Metodologia do Ensino de Arte.** São Paulo: Cortez, 1999. 2ª Ed

BARBOSA, Ana Mae. (Org.) **Inquietações e mudanças no ensino da arte.** São Paulo: Cortez, 2003.

LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS. **Secretaria de Educação básica. Conhecimentos de Arte.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação básica, 2006. Vol. 1, p. 167 a 209.

## **7 LI, REFLETI, E ENTÃO PENSEI QUE ...**

Para fazer o meu trabalho de conclusão de curso, iniciei com uma reflexão com o propósito de buscar respostas, consciente de que na pesquisa muitas vezes, não encontramos as que esperamos. Recorte de conversas em um bate papo espontâneo, sem aquela pressão de ter que responder um questionário e aos poucos o ambiente vai sendo criado e as minhas indagações vão sendo colocadas, não de uma forma imposta, e sim livre para que o adolescente não se sinta obrigado a responder e sim contribuir para a pesquisa, deixando claro que esta é a única maneira de buscar o conhecimento, e é através da pesquisa que encontramos possíveis soluções para os problemas encontrados em nosso cotidiano.

A principal preocupação deste estudo refere-se à relação que o jovem do ensino médio estabelece, hoje, naquele espaço escolar, com as aulas de Arte, considerando que, para a maioria desses alunos envolvidos na pesquisa, principalmente, as aulas de arte se resumem à prática do desenho. A investigação de campo me possibilitou constatar uma deficiência no procedimento de como o ensino de arte está sendo desenvolvido e o quanto de significativa a disciplina se mostra para os alunos que responderam o questionário.

Os alunos sugeriram mais aulas práticas, o que nos leva a supor que conteúdos são transmitidos de forma teórica, sem práticas ou experimentações. A maioria dos participantes afirmou não ter aprendido nada nas aulas de Artes, fomentando assim a discussão sobre o papel do professor e a função dessas aulas na vida de cada um. Elencaram o rol das disciplinas existentes na escola, por ordem de importância e opinaram sobre como se dá o conhecimento artístico.

Com os resultados obtidos, vê-se necessária a importância de uma formação específica que propicie aos educadores em Arte, conhecimento sobre a mediação, a interdisciplinaridade, a observação dos contextos e o uso da tecnologia e mídias, propiciando aos educadores e educandos reflexões sobre qual a função da arte no espaço escolar. Devemos ir à busca de um ensino de que valorize a criatividade e a sensibilidade de cada um, não enfatizando uma linguagem artística e sim valorizando a especificidade de cada uma delas. A apropriação dos jovens com a tecnologia e o espaço que a mídia tem dentro do contexto escolar através do uso das redes sociais e seus aparelhos digitais colocam os jovens mais próximos da

informação e do conhecimento.

Os dados obtidos através desta pesquisa só reforçam a importância da construção do sujeito sensível com o olhar estético e crítico. A pesquisa de campo também me levou a constatação da necessidade de estarmos sempre construindo conhecimentos e permanentemente em busca de aperfeiçoamento como nos afirma Lavelberg (2003.p.51) “Além dos cursos de magistério, licenciatura, bacharelado, especialização e pós-graduação, nossa prática em formação de professores de arte aponta a necessidade de um processo de formação contínua”.

E acredito que o professor de Arte, e também de qualquer área, deve buscar mais experiências estéticas para assim manter uma ampliação constante do seu repertório artístico; ao mesmo tempo deve buscar conhecimento com as mídias atuais, exercendo a interdisciplinaridade. Todas essas ações favorecerão a mudança de conceitos que já se encontram enraizados dentro da comunidade escolar.



## REFERÊNCIAS

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte** / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e tecnológica. – Brasília, 1999. 364p

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte** /Secretaria de Educação Fundamental. 2. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

\_\_\_\_\_.**PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: 5a a 8a Séries do Ensino Fundamental**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC; SEF, 1997a.

\_\_\_\_\_.**PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS/ ARTE: Secretaria de Educação Fundamental. Ensino de primeira a quarta série** – Brasília: MEC/SEF, 1997b. 130p

CORRÊA, Ayrton Dutra; MATTÉ, Simone Witt. **A contemporaneidade da docência em Artes Visuais e as novas tecnologias**. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, Fernando (Org.) A formação do professor e o ensino das artes visuais. Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2005. 232 p.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Fundamentos Estéticos da Educação**. 5ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 2008.

FANTIN, Monica. O processo criador e o cinema na educação de crianças. In: FRITZEN, Celdon. MOREIRA, Janine (Orgs). **Educação e Arte: As linguagens artísticas na formação humana**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.FUSARI, Maria de Rezende e. **Metodologia do Ensino de Arte**. São Paulo: Cortez, 1999. 2ª Ed

GATTI, Bernardete Angelina. **Sobre formação de professores e contemporaneidade**. In: KRONBAUER, Selenir Corrêa Gonçalves (Org.). Formação de professores. São Paulo: paulinas, 2008.

HERNÁNDEZ, F. **Catadores da Cultura Visual: Proposta para uma Nova Narrativa Educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007

IAVELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003

KRONBAUER, Selenir Corrêa Gonçalves; SIMIONATO, Margareth Fadanelli (Orgs) **Formação de professores- abordagens contemporâneas**. São Paulo: Paulinas, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyla, 1985. 149p

LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS. **Secretaria de Educação básica. Conhecimentos de Arte**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação básica, 2006. Vol. 1, p. 167 a 209

LOPES, Ivana Maria Nicola; RODRIGUES, Victor Hugo Guimarães. Despertando sensibilidades na formação de professores de Artes. In: OLIVEIRA, Maria oliveira de; Hernández Fernando. **A formação do professor e o ensino das artes visuais**(Orgs). Santa Maria: Ed. UFSM, 2005. 232p.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. T. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.

MARTINS, Mirian celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M<sup>a</sup> Terezinha Telles. **Teoria e prática do ensino de Arte: A língua do mundo**. São Paulo: FTD, 2009

MARTINS, Mirian Celeste (Org.). **Mediação: provocações estéticas**. Universidade Estadual Paulista – Instituto de Artes. Pós-graduação. São Paulo: 2005

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994

OLIVEIRA, Maria oliveira de; Hernández Fernando. **A formação do professor e o ensino das artes visuais** (Orgs). Santa Maria: Ed. UFSM, 2005. 232p.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **A arte e seu ensino na contemporaneidade**. In: MAKOWIECKY, Sandra, OLIVEIRA e, Sandra Ramalho. **Ensaio em Torno da Arte**. Chapecó: Argos, 2008.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Tecnologias contemporâneas e o ensino da arte. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino das artes**. Porto Alegre: Cortez, 2003. 2<sup>a</sup>ed.

PORTELLA, Adriana. Aprendizagem da Arte e o museu virtual do projeto Portinari. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino das artes**. Porto Alegre: Cortez, 2003. 2<sup>a</sup>ed.

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no Ensino das Artes Visuais**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

RICHTER, I. M. Multiculturalidade e interdisciplinaridade. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002

SCHLICHTA, Consuelo. **Arte e Educação: há um lugar para a arte no ensino médio?** Curitiba: Aymarará, 2009.

SILVA, Edna Lúcia da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3ª Ed. rev. Atual. Florianópolis, Laboratório de Ensino a Distância da UFSC. 2001. 121p.

TEIXEIRA, Nageli Raguzzoni. Educação e mídia – a sala de aula como espaço de significações. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, Fernando (Org.) **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2005.

VALLE, Lutiere Dalla. **As Representações Sociais do professor de Artes no Ensino médio e sua relação com o conhecimento Artístico do Aluno**. Santa Maria: UFSM, 2008.

VYGOTSKY, Lev Semenovichn. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

## APÊNDICE

**QUESTIONÁRIO ELABORADO PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA.**

1 – Há quanto tempo você estuda na escola?

2 - Na sua trajetória como estudante, cite um conteúdo que você aprendeu na disciplina de artes e que considera importante na sua formação.

3 - Qual o papel do professor de artes na sua formação de sujeito sensível e crítico?

4 - Contribua com uma sugestão para que aula de artes possa ser de grande valia para sua formação escolar.

5- Qual a função das aulas de artes para sua formação integral?

6- Quais conteúdos e disciplinas você considera importante na sua formação escolar? E por quê?

7- Na tua opinião, como ocorre o conhecimento artístico?

8- Quais as contribuições das aulas de arte para o teu desenvolvimento intelectual e cultural?